



## QUANDO O ASSUNTO É SEXO, O QUE AS MENINAS QUEREM SABER? QUEM PODE RESPONDER?

Benícia Oliveira da Silva<sup>1</sup>  
Paula Regina Costa Ribeiro<sup>2</sup>

... a partir do fim do século XVI, a “colocação do sexo em discurso”, em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação; que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa mas, ao contrário, de disseminação e implantação das sexualidades polimorfas e que a vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou – sem dúvida através de muitos erros – em constituir uma ciência da sexualidade. (FOUCAUL, 2007, p. 19).

Em História da sexualidade 1: a vontade de saber, Foucault nos convida a pensar na sexualidade como um dispositivo<sup>3</sup> histórico, inventado socio-historicamente a partir de múltiplos discursos que regulam, normatizam e produzem verdades e saberes, instituindo modos dos sujeitos viverem suas sexualidades.

A partir do século XIX, se desenvolveu uma *scientia sexualis* para melhor controlar o corpo e o sexo dos homens e mulheres, em que a confissão é central na produção de saberes sobre o sexo. E hoje, dois séculos depois, a temática sexo transita e é confessada nas mais diversas instâncias e espaços. Neste trabalho, analiso como a sexualidade é colocada em discurso por especialistas numa instância midiática, na qual, os discursos a cerca da sexualidade são disseminados e confessados, conduzindo a produção e divulgação de significados acerca deste tema, tendo a mídia um papel pedagógico cultural importante, posto que esta visibiliza um assunto tido muitas vezes como tabu.

O presente artigo faz parte da minha pesquisa de mestrado, em que tenho como *corpus* de análise a seção *Sexo* da revista *CAPRICHÔ*, na qual busco analisar os discursos presentes nesta seção e investigar como os discursos deste artefato interpelam a adolescência feminina, em especial suas sexualidades.

Esse trabalho está fundamentado nos Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas, campo de teorização que centra suas análises em dimensões culturais existentes nas práticas sociais, entendendo-as como produtoras de significados. Nessa perspectiva teórica, entendem-se como

---

<sup>1</sup> Mestranda no PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde na Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: benicia\_silva@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Biológicas: Bioquímica. Professora do Instituto de Educação e do PPG Educação em Ciências e Educação Ambiental da FURG. Coordenadora do PPG Educação em Ciências da FURG. E-mail: pribeiro@vetorial.net.

<sup>3</sup> Entende-se por dispositivo “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos.” (FOUCAULT, 2008, p. 244).



educativas todas as práticas, produtos e espaços culturais que produzem representações/significados que nos constituem e nos regulam. Para Silva (2009, p. 139), “Tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma “pedagogia”, também ensinam alguma coisa.”

A partir desta perspectiva venho entendendo não apenas a sexualidade, mas também a adolescência como uma construção cultural produzida por diversos significados e representações de vários campos científicos, como o da medicina, o da biologia e o da psiquiatria e, também, por instâncias como a mídia, a igreja, a escola. Essas instituições e campos de saber têm conferido um papel hegemônico na determinação dos significados vinculados às sexualidades na sociedade. Nesse sentido, Louro (2007, p. 25) destaca:

Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, freqüentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas e contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente.

A mídia, assim como outras instâncias, tem desempenhado um papel pedagógico cultural, atuando como um meio de produção e divulgação de discursos acerca da sexualidade adolescente abordando essas temáticas como problemas de saúde sexual e reprodutiva, tratadas através dos discursos médico e biológico sobre o funcionamento do corpo e das doenças para prescrever um auto cuidado, e através dele, controlar o corpo e a sexualidade, funcionando assim, como estratégias<sup>4</sup> de controle comportamental dos indivíduos – “use camisinha”, “não transe”, “cuide de seu corpo”, “conheça os métodos anticoncepcionais”, “AIDS mata”... Para Ribeiro (2002, p. 75),

nessa discursividade, a sexualidade tem ficado ligada à aquisição de conhecimentos científicos (categorias e descrições) dos sistemas reprodutores e a genitalidade – atributo biológico compartilhado por todos, independente de sua história e cultura. Assim, os discursos científicos engendram a sexualidade como um atributo de natureza biológica, vinculada às características anatômicas, internas e externas, dos corpos, fixando nessas características a sexualidade e as diferenças atribuídas aos homens e mulheres.

### Revista *CAPRICH*O

A revista *CAPRICH*O foi criada em 1952, e sua história é marcada por muitas mudanças. Em seu início, as páginas da revista eram preenchidas por fotonovelas e histórias de amor em quadrinhos. Ainda no ano de sua criação, a revista mudou seu formato e passou a publicar matérias voltadas aos temas de moda, comportamento, beleza e outros.

---

<sup>4</sup> Utilizo estratégia num sentido foucaultiano, como um mecanismo de poder que têm como finalidade o controle da ação dos outros (FOUCAULT, 1995).



O público alvo da revista nem sempre foi leitoras adolescentes, este foco começa a surgir em 1985, quando a revista adotou o slogan “A Revista da Gatinha”. Desde então, embora tenham ocorrido mudanças gráficas, no formato e na faixa etária do público alvo, em seu histórico<sup>5</sup> a revista deixa claro que seu conteúdo é feito para leitoras adolescentes do sexo feminino.

O sucesso da revista *CAPRICHÔ* é inegável e sua perpetuação responde a qualquer dúvida em relação a sua popularidade. Segundo dados da própria, a revista *CAPRICHÔ*

é a maior marca teen do país! É uma das únicas marcas teen, do mundo, a assinar revista, site, eventos e produtos variados com liderança absoluta em cada uma dessas plataformas. São 200 mil revistas por mês (com crescimento de 41% na circulação em 2008), 20 mil meninas em seus eventos de moda e música, quase 8 milhões de produtos licenciados vendidos no ano (underware, maquiagem, perfume, agenda etc.) e a maior audiência e time spent entre sites para jovens meninas. (*Site CAPRICHÔ*).

Nesse contexto, a revista *CAPRICHÔ* é uma das peças da engrenagem que movimentam as mudanças culturais há mais de cinco décadas.

Atualmente, vivemos num processo contínuo de “boons” culturais, em que é possível identificarmos a evolução<sup>6</sup> e expansão de múltiplas formas de produção e circulação cultural. As instituições tidas como tradicionais, como a escola, a família, a igreja, estão dividindo ou disputando espaço com outras instâncias que vêm a contribuir nos processos de subjetivação dos sujeitos.

Nesse processo, a mídia vem assumindo um papel relevante, junto às demais formas de dinamização e expansão da cultura. [...] o que temos agora, através da mídia e das novas tecnologias, é um processo globalizante onde nossos mundos se interconectam [...]. (FABRIS, 2004, p. 257-258).

Importante ressaltar que esta pesquisa não tem como pretensão diagnosticar a seção *Sexo* como boa ou ruim e se ela deve ou não ser lida pelas adolescentes. Pretende sim, analisar as formas como a sexualidade vem sendo (re)produzida neste artefato e ao fazer isso, reconheço que ao abordar questões acerca desta temática a revista *CAPRICHÔ* possibilita outras formas de pensá-la. À vista disso, identificar, divulgar, problematizar diferenças, sejam quais forem as categorias, é possibilitar conhecer e respeitar o diferente, rompendo hegemonias e aproximando diversidades.

O uso da revista *CAPRICHÔ* como artefato cultural, em minha pesquisa, tem como principal justificativa esta constituir-se como uma pedagogia cultural, que produz e divulga significados acerca da sexualidade adolescente feminina, ensinado às leitoras modos de viverem suas sexualidades.

Durante a adolescência há a necessidade de pertencer a determinados grupos, fato que torna estes sujeitos como principais alvos da publicidade, que através da mídia torna tudo o que é tipo de

<sup>5</sup> <http://capricho.abril.com.br/clube/historia.shtml>

<sup>6</sup> Faço uso da palavra evolução como sinônimo de mudança e não, necessariamente, implicando progresso.



produto essencial, incitando o consumo destes “como forma de pertencimento e identificação entre os membros de determinados grupos sociais.”. (QUADRADO, 2006, p. 33).

### *A seção Sexo*

A escolha pela revista *CAPRICHÔ* se deu devido a esta ter sido a primeira revista feminina do Brasil<sup>7</sup> e também por ela ter sido a primeira<sup>8</sup> revista, voltada ao público adolescente, em que identificamos uma seção intitulada “Sexo”.

A seção *Sexo* da revista *CAPRICHÔ* se caracteriza por ser produzida com a participação das leitoras no *site* da revista (<http://capricho.com.br>). Acessando o *site*, as adolescentes podem se inscrever e participar com seus comentários ou opinar em enquetes sobre questões acerca da temática que intitula a seção.

Assim como a revista, a seção *Sexo* é publicada quinzenalmente. Sendo assim, a cada edição a coluna apresenta um assunto diferente relacionado à temática sexualidade.

A inscrição para participar da coluna é feita a partir do preenchimento de um questionário em que estão presentes perguntas como: Data de nascimento. Você já transou? Qual a sua maior dúvida relacionada ao sexo? Por que você gostaria de participar da seção? Após preencher o questionário, o mesmo será analisado pela *CAPRICHÔ* e caso a menina seja escolhida, alguém da revista entrará em contato.

Encontrar o questionário no *site* da revista evidencia o fato de que existe um certo padrão a ser seguido, isto é, não é qualquer menina que pode participar das discussões. É necessário que as respostas das meninas correspondam ao perfil de adolescente idealizado e criado pela revista. É preciso que as adolescentes selecionadas para participarem deste bate-papo interajam nas discussões correspondendo exatamente da forma que a editora precisa, tornando a seção o mais atraente possível.

As discussões realizadas com as adolescentes e as editoras são “fechadas”, isto é, não são apresentadas no *site*, correspondendo que a editora cumpre seu papel, posto que este conteúdo deve ficar apenas sob seu domínio e ela “monta” um bate-papo que “rolou” e publica na revista da forma mais sedutora.

---

<sup>7</sup> Esta e as demais informações a respeito da revista *CAPRICHÔ* foram retiradas do *site* da revista, disponível em <http://capricho.abril.com.br/>.

<sup>8</sup> Hoje já sabemos que na revista *ATREVIDA* também existe uma seção com o mesmo nome, porém a dinâmica com o público é diferente.



A análise da seção teve início em agosto de 2008 e foi realizada até agosto de 2009. Neste período, os seguintes aspectos foram considerados para a pesquisa: temas das discussões, as enquetes e as dicas e comentários que complementam a coluna e seus respectivos autores. Porém, neste artigo, teremos como foco de discussão as temáticas abordadas e a autoria das dicas e comentários que preenchem a seção, em suma, o que as meninas querem saber e quem pode responder.

Em vista do que nos propomos a analisar neste trabalho, observamos nas seções analisadas que os temas abordados são referentes a anseios, situações de constrangimento, camisinha, anticoncepcional e outros relacionados, quase que em sua totalidade, aos momentos antes, durante e depois de transar. Além de que os saberes e conhecimentos acerca da temática sexualidade são/estão atribuídos às ciências e às vozes as quais foram conferidas a autoridade e a capacidade de falar a respeito de tal assunto, neste caso, psicólogos/as, professores de psicologia, sexólogos, terapeutas, terapeutas sexuais, educadoras sexuais e ginecologistas.

Neste contexto nos remetemos ao nosso problema de pesquisa: de que formas a sexualidade vem sendo produzida na seção *Sexo* da revista *CAPRICHÔ* a partir de discursos biológicos e prescritivos sobre como viver a sexualidade?

Esta questão nos sucede a outras inquietações: será que as temáticas abordadas na seção realmente representam as dúvidas das adolescentes? Por que para falar sobre sexualidade são convocados certos profissionais?

### *Então, algumas análises*

Ao admitirmos que por trás de todo saber e conhecimento há relações de poder - ressaltando que estamos falando de um poder num sentido foucaultiano, o que implica em considerar as ações de poder não como negativas, mas como positivas, visto que estão produzindo efeitos – percebemos o quanto algumas técnicas são importantes não apenas para a produção de discursos e de verdade, mas também no quanto estas interpelam os sujeitos na formação de suas subjetividades.

A disseminação dos discursos acerca da sexualidade – a partir das proposições de Foucault -, mais propriamente do sexo, se deu nos séculos XVIII e XIX. Desde então esta temática vem sendo abordada tendo como respaldo diferentes campos do saber. Se valer de discursos cientificistas para falar em sexualidade propicia uma produção de verdades consistentes e valorizadas, a partir das quais os indivíduos passam a construir as verdades sobre si mesmos.

A *CAPRICHÔ* se define como



a revista que entende e respeita as idéias e valores da adolescente. [...] Na revista, ela encontra matérias sobre a intimidade dos famosos, comportamento, moda, relacionamentos e outras informações importantes como: programação de shows, eventos e um guia de compras com preços e endereços [...] A *CAPRICHÔ* tem como objetivo de mercado continuar sendo a melhor revista para adolescentes. **Sua missão é** informar, entreter, formar e **conectar a maior comunidade de garotas** com estilo e atitude do país. (Site Capricho<sup>9</sup>, 2009, grifo meu).

Ao exercer mecanismos de poder que incidem sobre a sexualidade adolescente feminina, este artefato exerce um poder disciplinar sobre cada leitora e, ao disciplinar cada leitora<sup>10</sup> individualmente, a revista vai cumprindo sua missão de “conectar a maior comunidade de garotas”, exercendo desta forma a tecnologia regulamentadora – o biopoder, instituindo padrões e ensinando às leitoras uma “certa forma” de viverem suas sexualidades e adolescências.

[...] a sexualidade, enquanto comportamento exatamente corporal, depende de um controle disciplinar, individualizante, em forma de vigilância permanente [...] por outro lado, a sexualidade se insere e adquire efeito, por seus efeitos procriadores, em processos biológicos amplos que concernem não mais ao corpo do indivíduo mas a esse elemento, a essa unidade múltipla constituída pela população. A sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação. (FOUCAULT, 2005, p. 300).

Porém, para que uma adolescente sinta-se leitora da revista e representada em suas páginas, ela deve se encaixar no perfil adolescente traçado por esta. Nesse sentido, a menina busca seguir os padrões estipulados da revista, adotando um certo modo de ser e estar na sociedade. Assim, ao identificar-se nas páginas da revista, a adolescente pode considerar-se parte do grupo ao qual a revista é destinada.

Nesse sentido, percebemos a revista *CAPRICHÔ* como um instrumento de normalização<sup>11</sup>, pois, ainda que interpele individualmente as adolescentes leitoras, suas intenções e efeitos são massivos.

As dicas e comentários são como um complemento à seção. Após debater “abertamente” sobre a temática em pauta, ao final da seção é apresentado o posicionamento de um profissional a respeito do assunto discutido. Neste espaço, os especialistas prescrevem o que as adolescentes devem sentir e como devem agir em determinadas situações, encaminham a outros profissionais, dão orientações e ensinam modos de prevenção.

“Na medida: é bom pensar em sexo! [...] ‘Mas esse pensamento não pode atrapalhar a vida da menina. Ou seja, ela **tem que conseguir estudar** e fazer outras coisas’, afirma G.L., psicóloga do Instituto Paulista de Sexologia. Se pensar no assunto está empatando a sua vida, **é hora de falar com um psicólogo**. Agora, **jamais**

<sup>9</sup> <http://capricho.abril.com.br/>.

<sup>10</sup> A tabela geral de circulação no site [http://publicidade.abril.com.br/geral\\_circulacao\\_revista.php](http://publicidade.abril.com.br/geral_circulacao_revista.php) aponta um total de 133.853 revistas entre assinaturas e avulsas (média por edição segundo o Instituto Verificador de Circulação - IVC / dezembro de 2008).

<sup>11</sup> Segundo Foucault, “A norma é tanto o que se pode aplicar a um corpo que se quer disciplinar, quanto a uma população que se quer regulamentar. [...] A sociedade de normalização é uma sociedade em que se cruza, conforme uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulamentação”. (2005, p. 302).



**pensar em sexo não é legal.** [...] É importante encontrar o equilíbrio!”. (Título da seção – Eu só penso naquilo: o que fazer quando o sexo não sai da sua cabeça? Edição nº 1069. 26 de abril de 2009, grifos meus).

“Quando fica sério: é normal ter medo de encarar a primeira vez [...] Até quem não é mais virgem **e tem um namorado fofo** pode perder o desejo às vésperas do vestibular, por exemplo. Afinal, sua cabeça está em outra. Agora, **estranho mesmo é não ter vontade de beijá-lo nem sentir um frio na barriga quando ele te dá uns amassos.** [...] Caso não consiga entender o que está rolando, **bata um papo com um psicoterapeuta.**”. (Dica escrita por uma educadora sexual. Título da seção – Acho que não quero, e agora? Não ter vontade de fazer sexo é algo que pode acontecer com qualquer menina. Edição nº 1074. 5 de julho de 2009, grifos meus).

É significativo pensar nas posições em que esses profissionais autorizados a falar de sexualidade e a própria mídia assumem nessa rede discursiva, pois embora a revista se sinta apta a falar deste tema, há a necessidade de dar voz a um especialista de modo a legitimar a revista através de discursos científicos e biologicistas. Desta forma, parece ter se criado uma cumplicidade entre editoras<sup>12</sup> e especialistas, promovendo um espaço onde pode se falar de tudo, pois se tem a segurança da presença de um profissional, tornando a seção *Sexo* confiável.

Nesta seção quando aparecem discursos acerca dos cuidados preventivos contra gravidez não planejada, Aids e outras DST.

“Cuidado! A pílula do dia seguinte só deve ser usada quando a camisinha estourar ou quando você esqueceu de tomar a pílula tradicional por dois dias seguidos. O medicamento só funciona se for ingerido até cinco dias após a transa. O uso excessivo da pílula do dia seguinte desregula o ciclo menstrual e pode provocar dores no estômago e na cabeça. E, além de não evitar totalmente a gravidez, não protege contra DSTs. Por isso, camisinha sempre!”. (Dica escrita por um professor do laboratório de violência doméstica da Unicamp. Título da seção – Pílula do dia seguinte. Fique esperta: ela não é 100% eficiente. Edição nº 1055. 12 de outubro de 2008).

Estas práticas de prevenção atribuídas às ciências, tendo suas veracidades comprovadas por vozes instituídas como autorizadas e capacitadas, instalam mecanismos de preservação à vida, o que possibilita o biopoder operar a partir da regulamentação da sexualidade das leitoras exercendo o “poder de fazer viver” (ibidem, p. 294).

Assim, na seção *Sexo*, os significados divulgados acerca da temática sexualidade operam no sentido de auxiliar as meninas adolescentes a compreenderem suas experiências, produzindo entendimentos a partir dos quais, ao se identificarem, suas identidades vão sendo demarcadas.

Entendendo esse suporte - a revista -, portanto, como um dispositivo de constituição de identidades, porque ela serve à recriação de uma identidade que caracteriza uma experiência de alteridade para os leitores. Por meio da relação do leitor com um outro, ele vive a experiência da contemporaneidade, inscrevendo-se num campo de saberes e códigos preestabelecidos que o atravessam e constituem sua percepção da “realidade”. (MILANEZ, 2004, p. 185).

Em A ordem do discurso, Foucault diz que em nossa sociedade existem procedimentos de exclusão que atingem o discurso – nem tudo pode ser dito e o que ameaça a ordem é proibido. Neste contexto, aqui neste artefato podemos ver atuar um dos procedimentos de exclusão, o “direito

<sup>12</sup> Todas as edições analisadas foram editadas por mulheres.



privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala” – qualquer um não pode falar de qualquer coisa. (FOUCAULT, 2009, p. 9). Nessa configuração é possível ver o poder sendo exercido no limiar do discurso.

“É uma boa? Filmes eróticos que mostram que, para transar, é preciso de envolvimento e **afeto** são boas referências para uma garota, ainda mais se ela é virgem. Agora, os pornôns tratam o sexo de um jeito banal. **‘Esses filmes não são reais. Neles, o sexo é sempre associado ao prazer, e a primeira vez de uma garota não costuma ser assim’**, afirma M.P., psicóloga da Unifesp. Depois que a menina já transou, os pornôns assustaram menos. Até lá, fique com o **romance!**”. (Título da seção – Filmes picantes! Assistir a cenas de sexo pode ser bem divertido. Edição nº 1057. 9 de novembro de 2008, grifos meus).

“Hora certa: falar sobre sexo com um menino não é fácil [...], explica C.F., professor de psicologia [...] Perguntar para as amigas como elas lidam com a questão só ajuda também. **‘É sempre muito bom saber que todo mundo passa pelo mesmo problema’**.”. (Título da seção – papo delicado: tem menina que conversa sobre sexo com o garoto numa boa. Já outras... Edição nº 1062. 18 de janeiro de 2009, grifos meus).

Nos recortes acima assinados por profissionais da área da psicologia, observa-se que o sexo, principalmente para uma menina virgem, deve estar associado ao afeto e romance. E também a uma generalização em relação às situações que as meninas se deparam durante a adolescência, como se toda adolescente fosse igual.

“Falar é bom: ter uma amiga para qual você possa contar **detalhes da sua vida sexual** é muito importante [...], afirma P.R., sexólogo [...] **A escolha do seu confidente deve ser feita com cuidado**. Afinal, é para ele que você vai contar detalhes...”. (Título da seção – Conto ou não conto? A melhor amiga pode ser sua melhor confidente para falar de pegação. Edição nº 1058. 23 de novembro de 2008, grifos meus).

“Se ainda não chegou lá: [...] O prazer durante a transa não é algo que simplesmente acontece. Ele precisa ser conquistado. Como? Com prática! [...] Quanto mais relaxa estiver, mais fácil chegará ao orgasmo.”. (Título da seção – Então... É isso?! Para muitas meninas, **a sensação de ter um orgasmo ainda é um mistério**. Edição nº 1072. 7 de junho de 2009, grifos meus).

Nos excertos citados pode-se perceber o quanto ainda há uma preocupação com a intimidade sexual ser algo velado e considerado como algo a ser desvendado, misterioso.

“Tire suas dúvidas sobre masturbação: [...] a masturbação maracá o início da vida sexual e é um hábito saudável que ajuda a garota a se conhecer melhor. [...] a vaginal, quando há introdução do dedo ou de um objeto na vagina, e a clitoriana, quando se estimula o clitóris. [...] Tira a virgindade? É raro, mas pode rolar... o hímen pode romper. [...] Essa é a forma mais fácil de aprender como sentir prazer com o sexo.”. (Dica escrita por uma ginecologista e terapeuta sexual. Título da seção – Só pro seu prazer... O que você sabe sobre masturbação? Edição nº 1075. 19 de julho de 2009).

A partir dos excertos apresentados, é interessante pensarmos nas posições que os profissionais que assinam as dicas e comentários assumem enquanto sujeitos. Quando os temas estão relacionados a comportamento, relações e propriamente falar sobre sexo, as vozes chamadas a falar sobre esse assunto são principalmente os/as psicólogos/as e terapeutas. Para comentar sobre prazer e intimidade, são os sexólogos que são chamados. E para falar sobre o corpo e prazer sexual, a autoridade é dada às ginecologistas.



Assim, fazer uso das ferramentas conceituais desenvolvidas por Foucault, bem como perceber alguns dispositivos atuando em meu *corpus* de análise, tem sido de fundamental importância para que seja possível identificar, nos discursos da seção *Sexo*, onde estão e como se dão as relações de poder e o quanto estas relações nos constituem como sujeitos e determinam nossas sexualidades.

Ao se constituir como uma pedagogia cultural, a revista *CAPRICHÔ* produz e divulga discursos acerca das sexualidades adolescentes feminina, atuando como um mecanismo de controle sobre as adolescentes.

Ao ensinar às adolescentes como viverem suas sexualidades, a seção *Sexo*, bem como a revista *CAPRICHÔ*, institui às suas leitoras identidades e sexualidades “caprichadas”. Ao demarcar um público específico, esta revista admite a existência de apenas um tipo de adolescente, de um único modo de ser, viver e sentir a adolescência e a sexualidade.

Nossas vidas comuns, apanhadas e transformadas pelos discursos da mídia, têm neles uma forma de existir, que é ao mesmo tempo pauta para nosso cotidiano, fonte de saberes múltiplos e objeto de poder. O trabalho de debruçar-se sobre esses textos nos é árduo, mais ainda talvez pela dificuldade de separar-nos de nós mesmos, de aceitar o descaminho – essa linha feiticeira – em que enveredamos, porque nos damos a conhecer em nosso presente. (FISCHER, 1996, p. 57).

### *Bibliografia*

ABRIL, Editora. Disponível em: [http://publicidade.abril.com.br/geral\\_circulacao\\_revista.php](http://publicidade.abril.com.br/geral_circulacao_revista.php). Acesso em: 9 de junho de 2009.

CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

CAPRICHÔ, Revista. Disponível em: <http://capricho.abril.com.br/>. Acesso em: 11 de abril de 2009.

FABRIS, Eli Henn. Hollywood e a produção de sentidos sobre o estudante. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e produção de subjetividade na cultura contemporânea. In NESPE, Núcleo de Estudos sobre Subjetividade, Poder e Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. *Educação, subjetividade e poder*. Ijuí: Unijuí, 1996.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert. e RABINOW, Paul. *Michel Foucault - uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_, Michel. *Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 18ª edição. São Paulo: Grall, 2007.



\_\_\_\_\_, Michel. *Microfísica do Poder*. 26ª edição. São Paulo: Grall, 2008.

\_\_\_\_\_, Michel. *A ordem do discurso*. 18ª edição. São Paulo: Loyola, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_ (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MILANEZ, Nílton. A disciplinaridade dos corpos: o sentido em revista. In SARGENTINI, Vanice e NAVARRO-BARBOSA, Pedro. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.

QUADRADO, Raquel Pereira. *Adolescentes: Corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo*. 2006. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. *Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental*. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas: Bioquímica) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.